

A SOCIOLINGÜÍSTICA E O FENÔMENO DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NOS GRUPOS SOCIAIS DO BRASIL

Neuza Teixeira Costa *

RESUMO

O texto trata das diversidades lingüísticas do português falado no Brasil, apontando, em alguns de seus vários aspectos, os fatores que influenciam a ocorrência de diversas variedades, bem como os grupos sociais nos quais são mais acentuados.

PALAVRAS-CHAVE: diversidades lingüísticas, Brasil, nível de fala, português falado, variedades geográficas ou diatópicas e variedades sócio-culturais ou diastráticas.

1. Introdução

É correto dizer: “– *O sinhô tem fóscri?*” para exprimir o ato de pedir emprestado fósforo?

Na área imensa e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades mais ou menos acentuadas quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário, mas os dialetólogos afirmam que, embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não impede a superior unidade do idioma, porque, ao contrário do que sucede em outros países, quer de língua românica, quer germânica, Portugal e o Brasil mantêm uma excepcional homogeneidade lingüística.

Em relação à situação lingüística, é necessário conscientizar que unidade não é igualdade no tecido lingüístico brasileiro. Há, decerto, gradações lingüísticas. Pode-se verificar, porém, que o conjunto dos falares brasileiros coaduna com o princípio da unidade na diversidade e da diversidade na unidade.

* Professora da Faculdade Anhangüera de Ciências Humanas (FACH), pós-graduada em Literatura Brasileira.

O objetivo deste artigo é discutir algumas diversidades lingüísticas do português falado no Brasil, verificar os fatores que influenciam para que ocorram as variações e averiguar em que grupos sociais elas são mais acentuadas. As variedades lingüísticas não são meras abstrações. Elas sobremexistem no espaço e no tempo, logo são sincrônicas.

Necessário se faz conceituar a ciência que será analisada neste artigo: a Sociolingüística. Ela é a ciência que trata do estudo da língua, em relação aos aspectos sócio-culturais de seus falantes. A língua é estudada em vários grupos sociais de hábitos diversos, em decorrência de fatores internos ou externos ao falante. O objeto dessa ciência é a linguagem oral, em sua relação específica com a sociedade, e o estudo é sincrônico¹.

O seu iniciador e estruturador foi o americano William Labov (*apud* Preti, 1987). Ele insistiu na relação entre língua e sociedade, e na possibilidade virtual e real de sistematizar a variação existente e própria da língua falada por usuários reais, em um mundo concreto, o que constitui a área de especialização da Sociolingüística. Para Labove, a situação social é o fator diretamente mais poderoso do comportamento verbal.

2. Diversidade lingüística

A diversidade lingüística ocorre porque cada pessoa tem uma maneira de transmitir suas idéias. Com isso, torna-se mais fácil dizer que a língua apresenta variações, por meio das quais a língua utilizada na comunicação entre as pessoas apresenta a identidade individual de cada um, como por exemplo: a idade, o sexo, a classe social, o nível de escolaridade, etc. Desta forma, cada pessoa estabelece um padrão de linguagem individual, de acordo com a *situação*. Classifica-se, assim, o *nível de fala*².

Outro fator importante é a influência exercida pelos meios de comunicação de massa no condicionamento social. A propaganda é feita em linguagem simples para ser entendida por todas as classes sociais. Procura-se, assim,

¹ "Estudos sincrônico: estudo dos fatos da língua num dado estágio de sua evolução. Tempo suficiente para que haja alguma variação" (Jota, 1981, p. 307).

² Nível de fala: "Variação determinada pelo uso da língua pelo falante, em situações diferentes" (Preti, 1987, p.34).

³ Dialeto: "Variação regional de uma língua" (Jota, 1981, p. 104).

uma nova variação de linguagem. A linguagem utilizada serve para atender às classes e, ao mesmo tempo, para tentar impor-se à *norma culta*, ditada pelas escolas, pelos escritores e pelas gramáticas; gera-se, então, um verdadeiro processo de desmitificação da chamada linguagem padrão.

3. Variedades geográficas ou diatópicas

A variedade da língua, geográfica ou diatópica, acontece horizontalmente com a responsabilidade pelos *dialetos*³. Essa variação ocorre entre pessoas que convivem em uma mesma região. Criam-se, dessa forma, novas palavras e nova sintaxe para facilitar a comunicação.

A criação de novas palavras e de nova sintaxe coloca em oposição *língua rural/língua urbana*. Com a chegada da civilização, a língua rural vai-se modificando até a extinção quase total, porque recebe influência de uma categoria de linguagem mais elevada. Além dessa variação, referida anteriormente, existe aquela decorrente da fala de cada indivíduo, e ou grupo de falantes que mora nas regiões rurais.

Exemplo da língua rural apresenta Renato Pereira, no texto *Fóscri* (1972, c.5.):

- Era justamente aquela ingenuidade de caipira que deixava o Pedro Silveira branco, brasileiro, casado, com 48 pregos na botina — completamente, à vontade na frente do delegado.
- Pois é uma porqueira, sô delegado.
- O que me aconteceu.
- O sinhô tem Fóscri?
- O que?
- Fóscri de cendê pito.
- Ah... fogo? Não, sinhô, fóscri. Porque fogo é qualquer fogo. Fóscri é só de cendê pito.
- Vá lá. Taí o fósforo.
- E do bão?
- É. Agora vamos ao seu problema. O que foi que houve?
- Mercê não pita?
- Fumo, mas não quero agora. Conte o seu caso que tenho mais o que fazer.
- Me levaro as três filhas.
- Filhas maiores?
- Maior nada. Desse tamainho.

Em *Fóscri*, de Renato Pereira, há o predomínio da norma regional ou mesmo rural na qual existem alterações fonológicas e morfológicas, sentidas em significações e modificações como: *sô*, *seu sinhô* em lugar de *senhor*; *fós-cri* em lugar de *fósforo*; *ceñdê* em lugar de *acender* (aférise e apócope); *qual-qué* em lugar de *qualquer* (apócope); *bão*, *mecê* em lugar de *bom* e *ocê*.

Observa-se, também, sua propriedade vocabular: *pito*, igual a cigarro; *pitar*, igual a *fumar*; a singularização de *fóscri*, ao ser usado somente para acender *cigarro*.

Morfologicamente, notam-se as terminações dos verbos *levaro*, *ceñdê*, em vez de *levaram* e *acender*.

A morfossintaxe de *me levaro as três filha* apresenta uma discordância entre o sujeito, a pessoa verbal e o objeto: *Levaram-me as três filhas*. E ainda, a frase inicia-se com o pronome oblíquo, o que, na norma da gramática, não é permitido.

O diminutivo feito em *tamainho*, em lugar de *tamanhozinho*, apresenta, portanto, variações fonológica e morfológica.

Não se pode deixar de observar que há também a mesma cultura no início do texto, exceto na metáfora, em forma de gíria / 45 *pregos na botina*/ jargão da linguagem técnica, que está na linguagem comum.

Na voz do delegado, no diálogo, predomina a norma culta o que torna acessível a compreensão do texto a todos os leitores.

No texto, destaca-se um estilo coloquial, informal e distenso, por se tratar de um diálogo descontraído.

4. Variedades sócio-culturais ou diastráticas

A variedade sócio-cultural ou diastrática depende de fatores ligados ao falante, ao grupo pertencente ou, até mesmo, à situação pela qual está passando, no momento da comunicação.

A linguagem é influenciada por fatores ligados ao falante, em decorrên-

cia da idade, do sexo, da raça, da profissão, da posição social, do grau de escolaridade, etc.

As variedades estão ligadas aos diversos níveis de idade. Cada indivíduo apresenta uma linguagem diferente, influenciada pela idade que possui. Por meio da idade, pode-se dividir os níveis de linguagem em: infantil, jovem e adulta.

Em relação ao sexo, as variações ocorrem no campo do vocabulário. O homem utiliza uma linguagem mais rude, pois nela existe a maior incidência de palavras obscenas. Por outro lado, a mulher, ao falar, é mais contida. Dessa forma, dá-se a oposição: linguagem do homem/linguagem da mulher.

Em decorrência da raça, ocorrem variedades ligadas à origem étnica. Elas são verificadas em zonas de imigração negra ou branca, e os falantes têm uma linguagem própria.

A profissão possibilita, também, a diversidade lingüística. Ela atua no campo da linguagem técnica ou profissional, a exemplo dos vocabulários dos médicos, dos advogados e outros, quando no exercício de sua profissão.

A posição social de cada falante determina seu modo de falar. Assim sendo, pode-se dizer que cada classe social possui uma linguagem, já que a forma de se expressar lhe confere *status*. Portanto, um executivo, um industrial têm seu idioleto (conjunto dos hábitos de fala do indivíduo considerados em determinada época), embora possam conviver diariamente na comunidade em que atuam.

A variedade mais culta da língua determina-se pelo grau de escolaridade. Ela depende do contexto ou hábito, em situações comuns. É demonstrada por meio da reflexão e da escolha da variação culta ou popular das palavras, feita pelo falante, em um meio social, evidenciando, assim, o nível de escolaridade do indivíduo.

5. Local em que reside na comunidade

As variedades diatópicas e diastráticas são determinadas pela classe social. Variando o local em que reside o indivíduo, maior será a variação, a diver-

sidade de sua linguagem. Ela será acentuada no vocábulo, expressiva na fonologia e diminuta na morfossintaxe.

Esses fatores influenciam, porque cada pessoa, em cada nível social, apresenta uma maneira de transmitir suas idéias, o que faz com que se crie uma nova forma de comunicação entre as pessoas e os grupos pertencentes. Por exemplo: as pessoas que moram na zona rural têm uma visão de mundo, um conhecimento peculiar a esse meio e, conseqüentemente, uma linguagem diferente das pessoas que moram na zona urbana. O léxico e as construções gramaticais influenciam os grupos.

Com base nessas diferenças, surgem a linguagem *culta ou padrão* e a linguagem *popular*. A linguagem culta ou padrão é a linguagem cuidadosa, preocupada com as normas da gramática, da literatura e da língua ensinada nas escolas. A linguagem popular é a linguagem falada sem preocupação com as normas, uma linguagem do dia-a-dia, à vontade, sem respeitar as normas gramaticais.

Com as diferentes formas de linguagem, citadas anteriormente, surgiram dois tipos de dialetos: o dialeto social culto e o dialeto popular. A intersecção de ambos os dialetos forma o dialeto comum, o ponto comum de dois dialetos para facilitar a comunicação.

Essas variações não são permanentes, porque a língua evolui com o passar do tempo; portanto, elas são sincrônicas.

6. Variedades da situação

As diferentes maneiras de comunicação dos indivíduos dependem da *situação* por que estão passando ou do assunto de que falam. Essas situações são diferentes, tornando-se inúmeras as combinações de palavras.

O chamado fator situacional não está ligado diretamente ao falante, mas às circunstâncias ocasionais, lugar, tempo em que o ato de fala acontece. Outro fator que influencia a diversidade situacional é a relação que une falante e ouvinte no momento do ato da fala, como grau de intimidade. Dependendo desse grau, o falante pode alterar a linguagem. O estado emocional muda a linguagem também. Dependendo desse estado, o indivíduo pode se expressar de maneira diferente, ou

seja, poderá ocorrer o *truncamento frásico*, desconexão, etc.

Assim, quando ocorre a realização da língua, utiliza-se uma *norma* e, por meio dos atos de fala, o falante varia a sua forma de se expressar, denominada *nível de fala*, definida como variações ocorridas no uso da língua.

As variações da língua estão divididas em duas partes: *nível de fala* ou *registro formal*. O registro formal é utilizado quando ocorre a predominância da linguagem culta, e apresenta vocabulários técnicos. O nível de fala é a situação ocorrida na família, com diálogos informais em que há uma despreocupação com a maneira de usar as palavras, as estruturas, em razão da intimidade entre os falantes, mas ocorrem também diálogos formais em que há preocupação com as estruturas do idioma, quando não há intimidade entre os falantes.

7. Conclusão

Este artigo aborda, apenas, alguns dos vários aspectos da diversidade lingüística do português, em razão da vastidão do assunto. Discorre sobre a diversidade interna do idioma, deixando a externa, ou seja, a variedade em relação ao português falado em Portugal. Procura mostrar uma pequena parte do que se sabe, atualmente, acerca de diversidade lingüística.

Nesta perspectiva, conclui-se que não há como discernir o *certo* do *errado* em termos de fala, mas, sim, o *adequado* ou o *inadequado*. O importante é que o falante saiba a situação de uso para essa ou aquela linguagem.

8. Referências bibliográficas

- COELHO, Braz José. *A comunicação verbal e suas implicações didático-pedagógicas*. Goiânia: UCG / Cultura Goiana, 1984. p. 83-103.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindene. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Presença, 1981.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala*. 6ª ed., São Paulo: Nacional, 1987.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1986 (Princípios).

PEREIRA, Renato. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 25 jul. 1972, c.5.

ABSTRACT:

The text deals with the linguistics variety of the Portuguese spoken in Brazil, pointing out some of its own features, the facts that influences the incident of different varieties, as well as the social groups in which they are more strengthened.

KEY-WORDS: Linguistics varieties, Brazil, speak level, spoken Portuguese, geographical varieties, or.